

RELIGIÃO NO COTIDIANO CANGACEIRO: REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS

José Ferreira Júnior¹

Introdução

Membros de uma sociedade onde a religião se revelava quase que a única maneira de explicar o mundo, onde não se constituía rara a presença de beatos e fanáticos com seus discursos salvacionistas, promovendo profecias apocalípticas, arrebanhando seguidores e, com isso, esvaziando de mão-de-obra os latifúndios coronelísticos, os cangaceiros, no seu nomadismo, reproduziam o que lhes fora inculcado, enquanto meros catingueiros que foram um dia.

Assim, não poucas eram as representações denunciadores da presença de grande religiosidade nesses homens e mulheres proscritos. Rezar era imperativo! Para continuar vivo e matar o inimigo; Para salvaguardar-se dos múltiplos perigos reservados à vida à margem da lei... Enfim, para satisfazer demandas particularizadas.

Este artigo pretende discutir essa nuance cangaceira, o imaginário religioso que perpassava aquele viver facinoroso nos sertões nordestinos, mostrando como a religião era, para aqueles homens e mulheres, elemento viabilizador de proteção e segurança, além de justificador para seus sucessos e fracassos.

I – Sertão nordestino pré-lampiônico: o confronto entre a oficialidade e a popularidade cristã católica

A pecuária bovina e as incursões cristãs católicas foram maneiras pelas quais os sertões nordestinos foram povoados. Se a primeira forma estava ligada à intencionalidade econômica da Coroa portuguesa, que via nessa interiorização das boiadas maneira de se alargar espaço para o maior plantio de cana-de-açúcar e, conseqüentemente, satisfação da lógica mercantilista²; a segunda, à qual se atrela esta discussão, por sua vez, buscava cristalizar a idéia de que as conquistas da Coroa eram, também, conquistas da Igreja (PETA e OJEDA, 2006) e, na prática das chamadas missões, buscavam implantar espaços de influência do seguimento católico do cristianismo.

¹ FIS / UFG. Doutorando e Mestre Ciências Sociais.

² Segundo (FAUSTO, 2004), a lógica mercantilista se assentava na proporcionalidade direta entre produção e lucro. Daí a necessidade de ocupar espaços maiores com o plantio da cana-de-açúcar;

Dessa forma, recebendo doações de terras de fiéis e nelas construindo capelas, construindo e recuperando cemitérios, ensinando a ler e a escrever, os padres católicos exerceram importante papel na construção do ideário de fé dos habitantes da caatinga. Às famílias caatingueiras, isoladas geograficamente e vítimas do descaso governamental, o apego à providência divina se lhes revelava como algo imprescindível à continuidade naqueles espaços.

Entre essas famílias estavam aquelas de onde vieram os atores do cangaço. Desse mundo místico, quiçá mágico, vieram aqueles (as) que promoveram escaramuças nos sertões de vários estados nordestinos, durante mais de duas décadas (refiro-me ao cangaceirismo lampiônico). Ou seja, antes de se tornarem cangaceiros, esses homens e mulheres foram, no seu cotidiano de habitantes da caatinga, agricultores, vaqueiros, artesãos, almocreves, pequenos proprietários etc., membros de uma sociedade que via na religião algo a que deveriam se apegar.

Porém, necessário se faz definir a que tipo de religião estavam essas pessoas apegadas, uma vez que não se deve considerar que aos homens em sociedade caiba somente a reprodução daquilo que lhe foi passado quando da sua socialização, mas a vivência de uma relação dialética entre sujeito e sociedade, uma relação de mão dupla entre *habitus*³ individual e a estrutura de um campo, socialmente determinado. Ou seja, as representações, escolhas ou aspirações individuais em sociedade não decorrem somente de determinismo imposto pelas disposições estruturadas socialmente, mas derivam da relação entre um *habitus* e as pressões e estímulo de uma conjuntura (BOURDIEU, 2005).

Dessa forma, não obstante a atuação dos padres missionários, arautos do catolicismo oficial, as populações internas da caatinga vivenciavam a religião popular, que (CHAUÍ, 2007, p. 81), diz ser caracterizada “pela presença marcante de leigos como estimuladores da vida religiosa, entrando em conflito com a imposição da romanização, que privilegia a autoridade sacerdotal”. A chamada religião oficial ou romanização estabelecia censura sobre quaisquer outras práticas que antecedam à catequização, “seja abolindo-as, seja tutelando-as sob a supervisão do clero oficial” (*Idem*).

³ O *habitus*, segundo (BOURDIEU, 2001), consiste em uma matriz geradora de comportamentos, visões de mundo e sistemas de classificação da realidade que se incorporam aos indivíduos [...] o *habitus* sofre as transformações ocorridas na cultura e na sociedade, mas também influencia essas mesmas mudanças por consistir em uma espécie de segunda natureza (PASCAL, 2000) dos indivíduos, acoplada a sua subjetividade mais profunda e consciente, mas não totalmente subsumida por essa dimensão racional, e que gera hábitos e ações nem sempre explicáveis pelas vias da lógica formal. Assim, para (BOURDIEU, 2003, p. 78), “o conceito de *habitus* tem por função primordial lembrar com ênfase que nossas ações possuem frequentemente, por princípio, mais o senso prático do que o cálculo racional”.

Desse modo, “a oposição entre uma religiosidade espontânea e uma religião vertical, imposta autoritariamente” (*Ibidem*), era fato vivenciado naqueles dias. Esse espontaneísmo religioso revelava-se na prática de magias, vivência de superstições, no uso de amuletos e no recitar das chamadas rezas fortes. Some-se a isso a multiplicidade e de rezadores e rezadeiras, beatos e fanáticos. Pode-se dizer que, naqueles idos, o sertão nordestino vivenciava religiosidade que, quando analisada mais detidamente, revelava-se produto da “mistura do animismo indígena, do fetichismo africano e da superstição portuguesa” (FERREIRA JÚNIOR, 2004, p. 23).

Assim, quase que unicamente cristão católico, o sertão nordestino pré-lampião era vivenciador do binômio: devoção aos santos e obediência ao profetismo nômade. Por isso, a religião desempenhava papel fundamental na vida do sertanejo dos dias pré-lampião, visto representar maneira única de interpretar o mundo e sua fenomenologia.

II – De casa pro cangaço: no hoje cangaceiro, as convicções do ontem caatingueiro

Parte de uma sociedade majoritariamente rural, em que as práticas cotidianas eram possuidoras de conteúdo significativamente teológico, a família Ferreira⁴, à semelhança de tantas outras contemporâneas suas, pautou a educação dos seus membros na religião, inculcando-lhes a fé ainda em tenra idade, “quando havia a obrigatoriedade do rezar em família, diariamente, geralmente ao amanhecer e ao anoitecer, o terço, o ofício etc.” (FERREIRA JÚNIOR, 2004, p. 24).

Quando entrou no cangaço, Virgulino Ferreira levou para Lampião o praticismo religioso adquirido no cotidiano familiar. Testemunhos de ex-cangaceiros/cangaceiras, membros do bando de Lampião, dão conta da religiosidade que perpassava o seu cotidiano. Sila, cangaceira e mulher do cangaceiro Zé Sereno, afirma que “lampião e os cangaceiros rezavam todas as noites; só se dormia e se levantava depois que se rezava” (SOUSA 1995, p. 53).

O rezar cangaceiro nem sempre ocorria de maneira racional, pois, segundo (LIMA 1965, p. 115), para muitos deles, “não é preciso que uma oração, para produzir efeito, seja pronunciada, ou sequer conhecida no seu texto pelo portador, basta a permanência no pescoço, no bolso, ou na própria capanga, enrolada com um ‘Agnus Dei’, ou apenas dobrada”.

Outra prática que denunciava religiosidade presente nos cangaceiros era o respeito demonstrado por eles aos sacerdotes e aos templos. Não se tem notícia de Lampião e ou

⁴ Família de onde vieram os chamados irmãos Ferreira: Virgulino (Lampião), Antônio (Esperança), Levino e Ezequiel (Ponto Fino).

qualquer cangaceiro do seu bando assaltando padres ou igrejas. Quando mantinham contato com padres, os cangaceiros não os maltratavam e lhes pediam bênçãos (OLIVEIRA, 1970; LIMA, 1965). Essa prática era algo presente no cotidiano das caatingas sertanejas nordestinas, era costume que aqueles homens e mulheres, agora banidos do convívio social, portavam consigo desde a mais tenra infância.

No ideário cangaceiro, a figura do sacerdote era tida como sacra e de total confiança, algo não muito comum em um mundo marcado pela perseguição e delação. Uma prova da confiança plena nos padres era o fato de que os cangaceiros, Segundo (OLIVEIRA, 1970, p. 126), “entregavam seus filhos aos vigários, recomendando que os criassem como homens de bem, pois não tinham culpa de terem vindo ao mundo como filhos de cangaceiros”.

Ademais, talvez pela ausência de monitoramento dos bispos, quiçá pelo temor que os cangaceiros impunham às populações catingueiras, os párocos protagonizavam ações que eram incompatíveis com a práxis eclesiástica recomendada pelo catolicismo oficial. Exemplo disso foi a atitude do padre José Bruno da Rocha, que celebrou o casamento de Corisco e Dadá, “sabendo muito bem o que fazia” (LIMA, 1965, p. 114).

Reflexo, no cangaço, da educação pautada na religião popular recebida em casa, era a postura mística presente no cotidiano cangaceiro, representado pelo uso de rosários no pescoço e a posse de patuás diversos, que continham rezas consideradas fortes que “escritas e dobradas com uma hóstia consagrada, furtada do sacrário, misturada com o próprio sangue do bandido e o oferecimento do credo” (OLIVEIRA, 1970, p. 119).

III – Porque a “piedade” de mãos dadas com a crueldade?

Qual a intenção de Lampião e seus liderados em vivenciar práticas religiosas em seus cotidianos? Esta pergunta se faz inevitável, uma vez que a lógica aponta para a justaposição entre a prática espiritual (aqui evidenciada pelas rezas diárias) e a vida piedosa. Na verdade, Lampião e seus liderados vivenciavam exatamente a separação entre as duas coisas. Acerca disso, diz Ferreira Júnior (2004, p. 25):

A ignorância campeava aqueles homens e mulheres, no que se refere aos seus fazeres sacros, visto que havia um divórcio entre a suposta piedade religiosa e a práxis cotidiana. Inadmitte-se alguém, pio esfolar um semelhante, castrar um igual, estuprar em sequência uma vítima indefesa, marcar com ferro em brasa faces e nádegas de frágeis mulheres.

Como explicar essa contrariedade gritante entre fé e prática? Como entender alguém tão religioso e, ao mesmo tempo tão perverso? Talvez a ponderação de (LIMA, 1965, p. 109)

seja suficiente para elucidar o enigma proposto, quando afirma que “Lampião não era homem para discussões intermináveis, e devoções, ou pregações a todas as horas. Nem ele, nem Corisco, nem Labareda e nem seus semelhantes, esbofeteados na face, ofereciam o outro lado ao agressor”.

Verifica-se, dessa forma, o uso da religião conforme os interesses dos seus praticantes. Havia, os relatos parecem apontar, por parte dos religiosos cangaceiros, ações protagonizadas com fim específico a ser alcançado (WEBER, 2002). Assim, veja-se o dito por (LUCENA, 2009, p. 7):

O Capitão Virgulino e seus fiéis escúlianos, contraditoriamente, apesar de pertencerem à realidade brutalizante do cangaceirismo, em nenhum momento relegaram as suas crenças e devoções a um segundo plano. Isso porque em suas vidas permeadas de peripécias, que, obrigatoriamente, conferiam a estes uma natureza cigana, onde o rotineiro medo da delação por parte dos coiteiros e das incontáveis emboscadas das volantes demandava toda a sorte de cuidados e proteção, inclusive – e especialmente – espiritual.

O denodo espiritual, então, torna-se justificado. As diversidades de rezas, feitas individual e coletivamente, não existiam enquanto meio por que, quem rezasse, viesse a vivenciar enlevo espiritual. As rezas possuíam um fim em si mesmas: satisfazer, única e exclusivamente, as demandas de quem as executavam, os próprios cangaceiros.

A crença em conseguir manter o “corpo fechado” para bala e faca parecia ser geral entre os cangaceiros. Esse tipo de reza, para (CASCUDO, 1978) derivava-se do bruxedo europeu e consistia, caracteristicamente, em proferir e, seguidamente, repetir, palavras tidas com o sagradas e, dessa maneira, gozar de inviolabilidade diante dos inimigos. Não cruzar cursos d’água (riachos, por exemplo), era uma das precauções tomadas pelos cangaceiros, porquanto criam que, se o fizessem, ficariam vulneráveis ao inimigo, com o corpo aberto. No ideário daqueles homens e mulheres alijados socialmente, em meio à água, as rezas fortes perdiam suas forças. Exemplo pode ser dado na fala do cangaceiro Balão, ponderando sobre a causa da morte de Lampião: “o capitão, passou por um riacho [...] ficou de corpo aberto” (AMAURY e FERREIRA, 1988, p. 85). Também se evitava, pelo mesmo motivo, saltar cercas em meio a tiroteios e passar por baixo de cabrestos de animais (OLIVEIRA, 1970, p. 117).

Outro exemplo denunciador do uso da religião em benefício próprio era rezar para se aprimorar a pontaria e, parecendo uma espécie de alívio de consciência, rezar pelas almas daqueles que iriam ser vítimas das balas disparadas pelos cangaceiros (CHANDLER, 1981). Também não se verifica no respeito às igrejas, mantido Lampião, algo que garanta, de fato,

reverência do cangaceiro a um dos lugares da prática do culto cristão católico. O caso da Igreja de Triunfo pode ser tomado como exemplo. Lampião nunca criou problema na cidade serrana, vindo a se instalar no ideário de grande gama de seus habitantes, que a amistosidade lampiônica com a cidade se derivava do fato de ser o cangaceiro afilhado de Nossa senhora da Conceição, padroeira da cidade⁵. Na verdade, o que ocorria era sagacidade da parte do cangaceiro, pois Triunfo fica na linha limítrofe entre Pernambuco e Paraíba, servindo-lhe como via de escape das volantes de um ou de outro estado. Era-lhe interessante, desse modo, não atacar a cidade protegida por sua madrinha.

Outro fator também denunciador de religiosidade tendenciosa era a inexistência de costume, entre os cangaceiros, da decapitação de inimigos, coisa bem comum entre os soldados de volante. Segundo (PERICAS, 2010), havia crença na necessidade da indivisibilidade do corpo, sob pena de se não alcançar a salvação.

Outras tantas práticas poderiam aqui ser citadas justificando a religiosidade tendenciosa dos cangaceiros. Acredito que as citadas podem vir a elucidar o porquê de homens tão cruéis serem tão diligentes na oração. Contrariando preceitos escriturísticos, que recomendam a prioridade do outro em detrimento de si, os cangaceiros eram exemplo de fé descompromissada, uma vez que toda e qualquer prática religiosa, em sua grande maioria, a outro fim não prestava, senão a satisfação das demandas cangaceiras.

Considerações finais

A temática discutida é ampla, porquanto pode ser desdobrada e, por exemplo, trabalhada com o misticismo, prática muitíssimo presente no cotidiano cangaceiro. Todavia, buscou-se nesta discussão mostrar como a religião se constituía, naqueles idos, elemento determinante no modo de viver daquelas populações internas nas caatingas sertanejas nordestinas.

Também foi intenção mostrar que o aprendido em casa, quando meros agricultores / artesãos / almocreves, mantinha-se no ideário do/da, agora, cangaceiro / cangaceira. Tal fato demonstra, em primeiro plano, que ser cangaceiro era, na grande maioria das vezes, uma opção de vida e, quando feita tal opção, os constructos culturais acompanhavam o ingresso no cangaço, permanecendo com ele e, até mesmo, possuindo maior valor.

⁵ Naquela época, era costume dos pais, quando do batismo dos filhos, além dos padrinhos previamente escolhidos, tomar como padrinho / madrinha para seus filhos algum santo ou santa de sua devoção. No caso de Lampião, quando do seu batismo, foi escolhida Nossa Senhora da Conceição para madrinha;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMAURY, Antônio; FERREIRA, Vera. **De Virgulino a Lampião**. São Paulo. Atlas. 1988.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço Social e Espaço Simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas. Papyrus. 2003.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo. Perspectiva. 2005
- CHANDLER, Billy J. **Lampião: O Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- CHAUÍ, Marilena. **Cultura e Democracia**: o discurso competente e outras falas. São Paulo. Cortez. 2007.
- FAUSTO, Boris. **História Concisa do Brasil**. São Paulo. Edusp. 2004.
- FERREIRA JÚNIOR, José. Cangaço e Fé. In: SOUZA, Anildomá W de. **Nas Pegadas de Lampião**. Serra Talhada. Esdras Graphic. 2004.
- LIMA, Estácio de. **O Estranho Mundo dos Cangaceiros**. Salvador. Itapoá, 1965.
- LUCENA, Renata V de; GOUVEIA JÚNIOR, Mário. **Entre o Rosário e o Punhal**: Cangaço, Religiosidade e Misticismo nos Tempos de Lampião. Disponível em http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_5146 Acesso em 23/10/2011.
- OLIVEIRA, Aglae L de. **Lampião, Cangaço, Nordeste**. Rio de Janeiro. O Cruzeiro. 1970, 2ª. Edição.
- PASCAL, Blaser. **Pensamentos**. São Paulo. Martins Claret. 2000.
- PETA, Nicolina M L; OJEDA, Aparício B. **História**. São Paulo. Moderna. 2006.
- SOUZA, Ilda R de. Sila. **Sila, Memória de Guerra e Paz**. São Paulo. Imprensa Universitária, 1995.
- WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. São Paulo. Imprensa Oficial. 2002.